



Cira Arqueologia

N.º 6



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

Revista Cira Arqueologia n.º 6

O Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira - CEAX, tem vindo a pautar desde a sua criação por uma dinâmica singular, que nos apraz. Essa dinâmica, plasma-se em diversos cenários que não só os costumeiros palcos das poeirentas escavações. Não que estes tenham algo de mal em si, mas importa sublinhar que para além dos imperiosos trabalhos de campo quer em contexto de obras de renovação e a reabilitação do tecido urbano do município Vilafranquense, quer de projetos de investigação, nunca foi descuidado o papel da ciência arqueológica e da Museologia quer no estudo e publicações quer na realização de exposições e ações de divulgação junto dos públicos do Museu Municipal.

O Museu assume assim a sua função, não só de colector passivo de objectos a organizar em tipologias e a arrumar nas prateleiras, mas como agente social, pautando e interagindo com a comunidade. Entendemos assim, o património como recurso singular para a inclusão social e económica das comunidades perante um caminho de desenvolvimento sustentável. Um excelente exemplo desta atuação é o sítio de Monte dos Castelinhos, e suas ruínas romanas de cuja existência e relevância histórica e patrimonial a população tem vindo a assumir e interiorizar com orgulho como suas.

A edição do sexto volume da Revista CIRA Arqueologia é um momento de contentamento, pois vem uma vez mais sublinhar o papel da centralidade do território de Vila Franca de Xira, no quadro do Vale do Tejo e da península de Lisboa. Com os seus onze artigos e mais de duzentas páginas de produção de conhecimento, confirmam a aposta do Município nesta publicação e é a prova que também em meio autárquico é possível trabalhar em prol da ciência.

A VEREADORA DA CULTURA

MANUELA RALHA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 280 350

museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt
www.museumunicipalvfxira.pt
www.cm-vfxira.pt



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

➤ Alguns elementos novos sobre Almaraz

LUÍSA BATALHA ARQUEÓLOGA
LUÍS BARROS CHAIA/UNIVERSIDADE DE ÉVORA

RESUMO

Localizado na embocadura do rio Tejo com o Oceano Atlântico, Almaraz foi um lugar estratégico para a prática de comércio entre a sua comunidade indígena e os marinheiros / comerciantes fenícios. O comércio entre o Atlântico e o Mediterrâneo encontra-se patente através dos materiais arqueológicos da Idade do Ferro, depositados nos fossos ao longo das suas muralhas.

ABSTRACT

Almaraz is an archaeological site located on the top of a hill close to the mouth of River Tagus and the Atlantic Ocean.

It was a strategic port of call to the Phoenician merchant vessels aiming trade with the native population.

Assets related to this trade, between Atlantic and Mediterranean sea were found, during archaeological field works, in the ditches along the walls dated from 1st Iron Age

Nota Prévia

O presente artigo constitui o resultado do trabalho de licenciatura de um dos signatários, Luísa Batalha. O mesmo foi apresentado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em Junho de 2006, com o título: “A Cerâmica de Englobe Vermelho da Quinta do Almaraz”. Presidiu ao júri: Professor Doutor Mário Varela Gomes (orientador da tese), Professora Doutora Rosa Varela Gomes e Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva. O conjunto de materiais que engloba as cerâmicas cinzentas, objectos metálicos e outros relacionados com actividade metalúrgica, insere-se num trabalho apresentado em Maio de 2009, em Alcácer do Sal, com o título: “Alguns dados Novos sobre o Almaraz”, aquando da homenagem a João Carlos Faria.

1. Introdução

Este trabalho é uma pequena abordagem aos materiais recolhidos numa das secções do fosso sul do povoado fortificado do Almaraz.

Apresentam-se uma série de resultados de datações absolutas, obtidas através de análises a materiais orgânicos que demonstram uma ocupação do sítio entre os séculos IX a. C. e o VI a. C.

Analizam-se alguns dos mais significativos fragmentos de cerâmica que nos possibilitam caracterizar as formas e tipologias existente no sítio arqueológico, dando paralelos tipológi-

cos relativos, com outros sítios arqueológicos Ibéricos da I Idade do Ferro. Destacam-se as produções de verniz vermelho e de pastas cinzentas.

Entre as possíveis indústrias praticadas no local dá-se destaque à siderurgia, onde são notórios os vestígios da fundição de metais e de minérios.

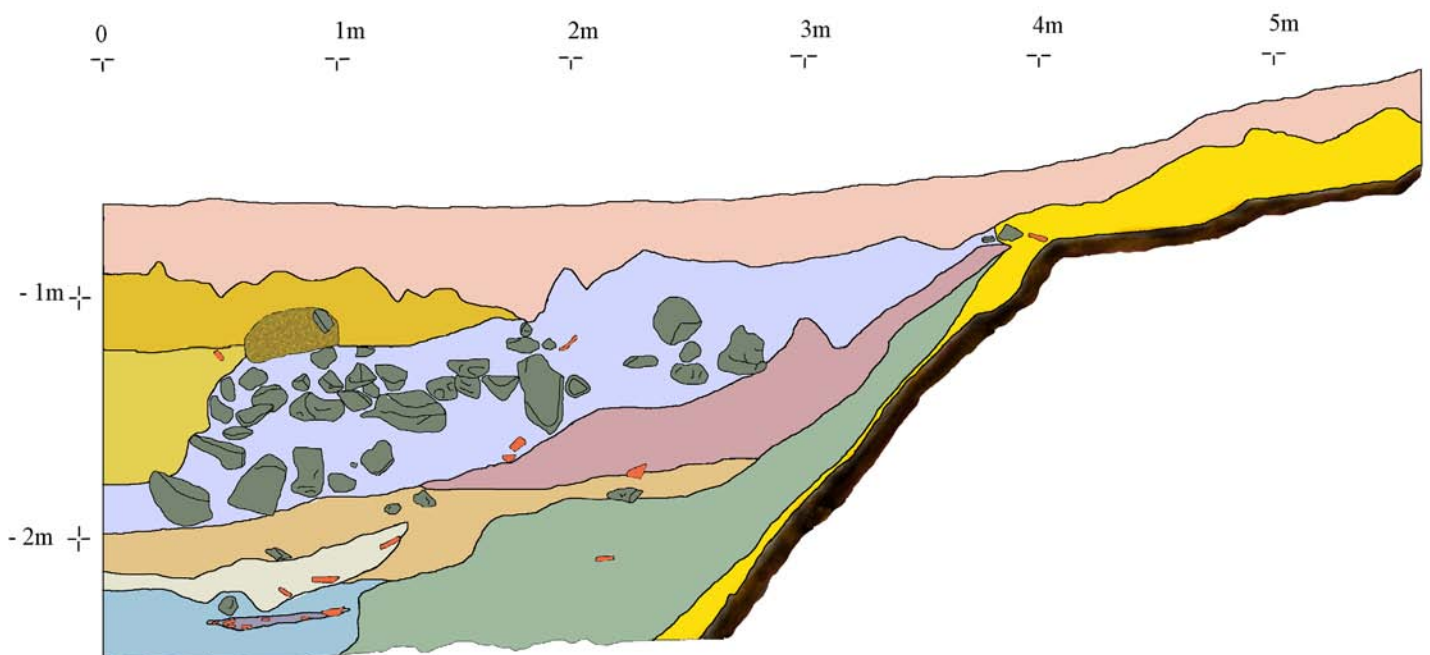
2. O povoado orientalizante da Quinta do Almaraz

2.1. Localização

A estação arqueológica da Quinta do Almaraz situa-se junto ao castelo de Almada, na margem esquerda do Tejo, num esporão sobranceiro ao rio, mais concretamente numa encosta de pente Norte/Sul. A Norte, é delimitada pela arribas fósil de inclinação vertical, a Sul, Rua Elias Garcia e a Oeste, Travessa do Castelo. O local, tem como coordenadas geográficas, segundo a Carta Militar de Portugal, 486760 – 4282140 (C.M.P. 431 Lisboa, 1971; U.T.M. 29S MC, esc:1/25000) e encontra-se a uma altitude média de 55 metros acima do nível do mar, o que permite uma visibilidade de aproximadamente 360 graus e a partir do qual se avista a Serra da Arrábida a Sul, a Serra de Sintra a Norte e o rio Tejo desde a foz até à zona estuarina, o que lhe conferia ótimas características defensivas, possibilitava um controle eficaz a quem se aproximasse quer por terra quer por mar. O Almaraz possuía ainda um porto de abrigo natural. As escavações efectuadas na década de oitenta puseram a descoberto estruturas de armazenamento e um cais, (Barros e Henriques, 1988: 87).

Tal como outros assentamentos de filiação fenícia localizados ao longo do litoral Levantino Ibérico, através da Quinta do Almaraz era permitido o fácil acesso às zonas a montante do rio Tejo, daí o intercâmbio comercial de alguns produtos de influência orientalizante e a matéria-prima – neste caso o minério em bruto – com as populações do interior, sendo este posteriormente transformado no Almaraz. **FIGS. 1-3**

Figura 1
Corte Poente A e B 12



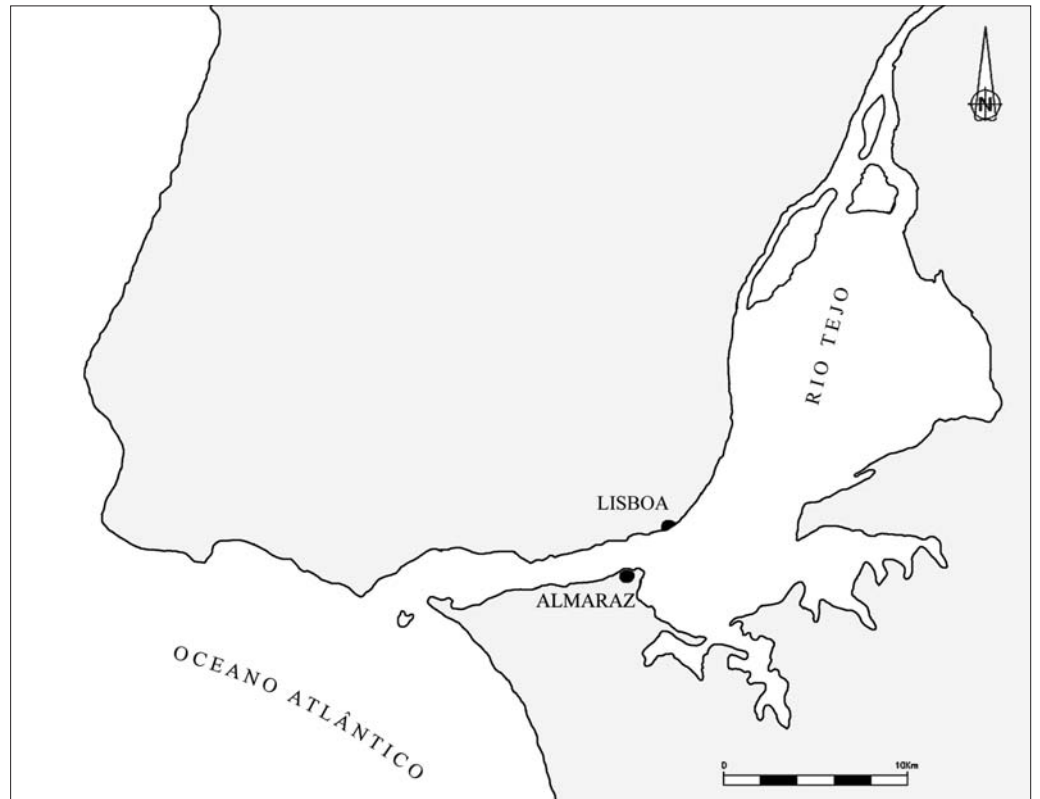


Figura 2
Mapa de localização do povoado do Almaraz na bacia do Tejo

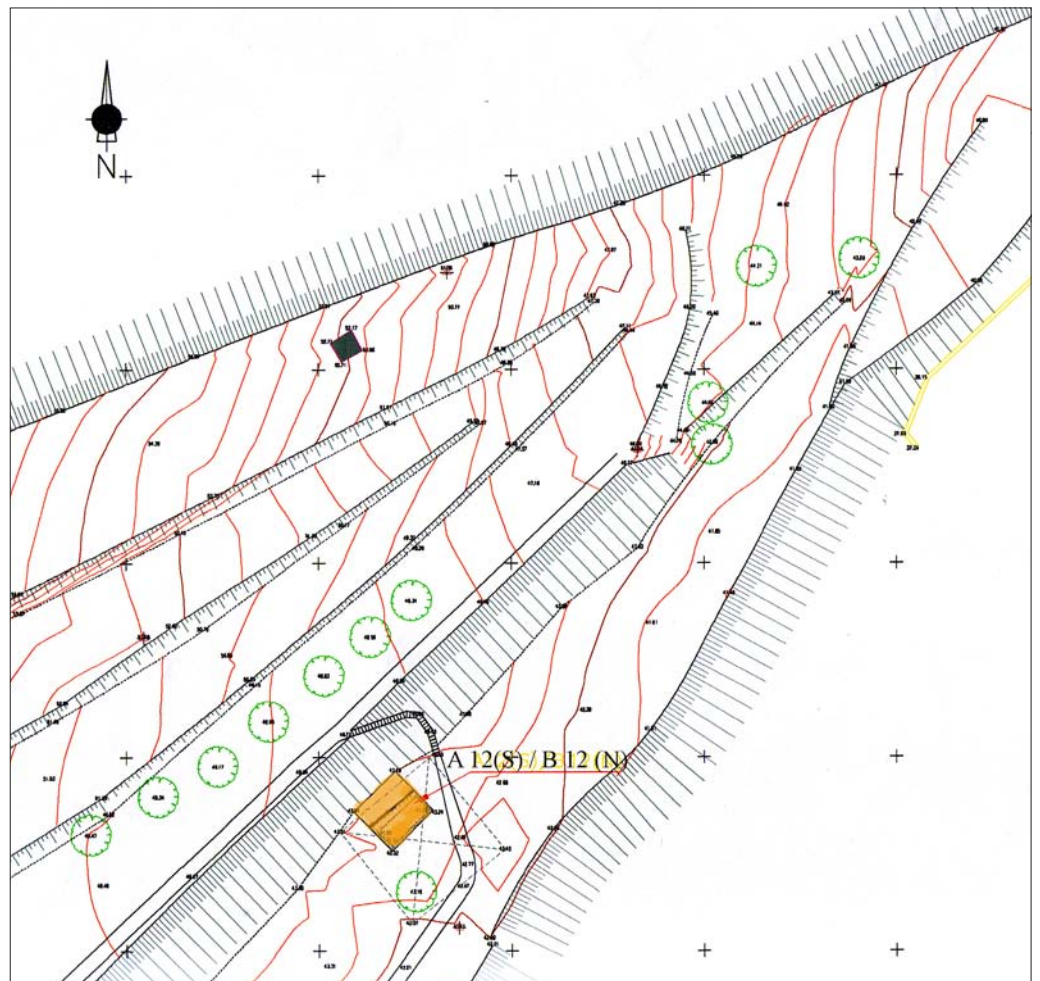


Figura 3
Localização do quadrado Q.A12, no espaço do povoado de Almaraz.

3.1. Interpretação cronológica e material

3.1.1. Datação relativa

Não foi possível determinar, através da combinação, tipologia, associação e estratigrafia, a datação relativa para este espólio e assim atribuir-lhe uma sequência cronológica.

Uma malha muito fina (0,10 m), não produziu uma leitura eficaz, ou seja, numa potência estratigráfica de 1 m, verificou-se que todas as camadas ofereciam as mesmas tipologias para os diversos tipos de cerâmica, consequência de um enchimento rápido do espaço.

3.1.2. Datação absoluta

A fim de determinar uma cronologia fiável para o Almaraz, recorreu-se ao sistema de datação absoluta do ^{14}C (I.T.N.), uma vez que o local apresenta características muito específicas quanto à sua estratigrafia.

Assim, numa primeira fase, foi possível detectar mais de dez datas para os contextos de influência orientalizante da Quinta do Almaraz.

Segundo os dados publicados em 2004 com base na análise de ossos, conchas e carvões, aceita-se como provável, uma cronologia que compreenda os séculos IX a. C. a VII a. C.

Para além das datações obtidas noutros pontos do sítio arqueológico de Almaraz foram submetidos a análise, de restos osteológicos do fosso junto à muralha, ST.2 (E), e do qual são provenientes as cerâmicas que consistem a base deste trabalho (Barros, Soares, 2004, p. 341).

O fosso acima mencionado, ST. 2 (S) A 12 (S)/B12 (N), foi escavado em duas camadas, 26 e 36, com um metro de diferença entre si.

Assim, para a camada 26, obteve-se a data corrigida (BP) 2430 ± 45 , calibrada a 1σ com intervalos entre: 731-692 (BC), 660-651 (BC), 544-408 (BC).

Camada 26, calibrada a 2σ , com intervalos entre 753-685 (BC), 688-610 (BC), 598-402 (BC).

Para a camada 36, obteve-se a data corrigida (BP) 2390 ± 50 , calibrada a 1σ , entre: 701-696 (BC), 538-397 (BC).

Camada 36, calibrada a 2σ , com intervalos entre 751-686 (BC), 667-637 (BC), 622-614 (BC), 595-387 (BC).

Os valores apresentados de ΔR foram obtidos pelo método proposto por Stuiver e Braziunas (1993, fig. 15).

Como podemos verificar, as datas de radiocarbono são idênticas entre si pelo que fica provado o momento único de deposição e enchimento do fosso. O facto de este ter oferecido um fragmento de cerâmica proto-coríntia, coloca a possibilidade de estarmos perante um enchimento do séc. VII a. C, confirmando assim as datações das cerâmicas de engobe vermelho, embora com algumas oscilações.

4.1 Descrição formal das peças

4.1.1. Cerâmica de fabrico manual

A cerâmica de fabrico manual encontra-se representada no Almaraz, principalmente através de grandes recipientes de armazenamento. Trata-se de potes de paredes muito espessas, com desengordurantes de calibre médio e as superfícies apresentam um acabamento rugoso. Alguns exemplares exibem decoração denteada no bordo ou ao longo do colo, (figura 4, n.º 2, 5, 7-11). Um pequeno pote apresenta igualmente decoração denteada no

bordo deste conjunto de cerâmicas fazem parte ainda dois fragmentos de tipologia indefinida, decorada com “ornatos brunidos,” apresentando um tratamento das superfícies mais cuidado, (figura 4, n.ºs 1 e 3). Em relação a estas cerâmicas não excluimos a hipótese de estarmos perante alguns exemplares do Bronze Final. Partindo do princípio que se trata de um enchimento num momento único, é possível que alguns fragmentos provenham do povoamento construído no Almaraz no final da Idade do Bronze. Esta tipologia encontra-se bem documentada na Baixa Estremadura, e ao longo do Vale do Tejo, bem como na Beira Interior, áreas de maior concentração destes materiais. Tomemos como referência os exemplares dos seguintes sítios: em relação ao fragmento da figura 4, n.º 1: Monte da Pena,

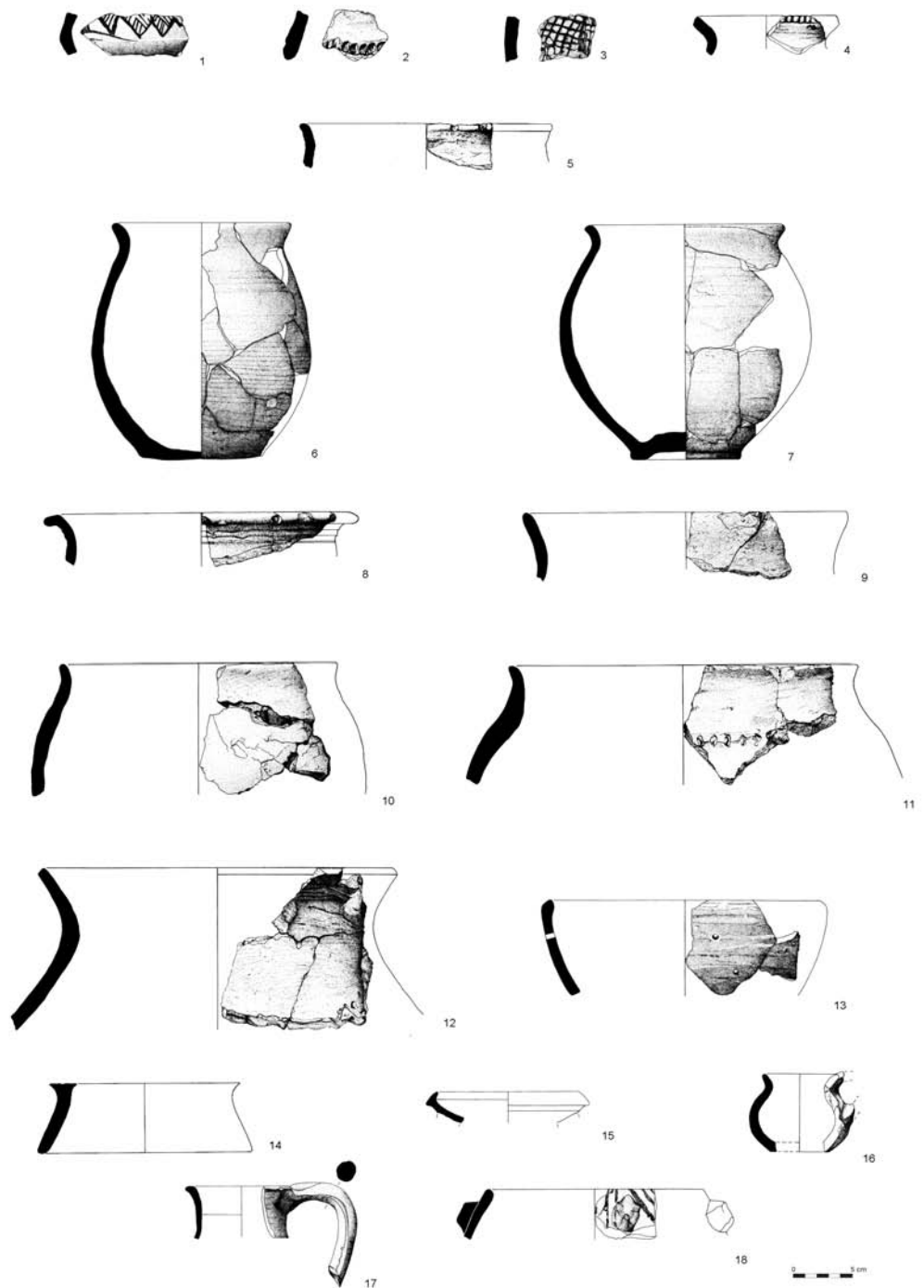


Figura 4

Cerâmica manual: ornatos brunidos, pequeno púcaro, e potes. Cerâmica a torno: painéis. Cerâmica cinzenta: suporte e trípole. Cerâmica pintada de importação.

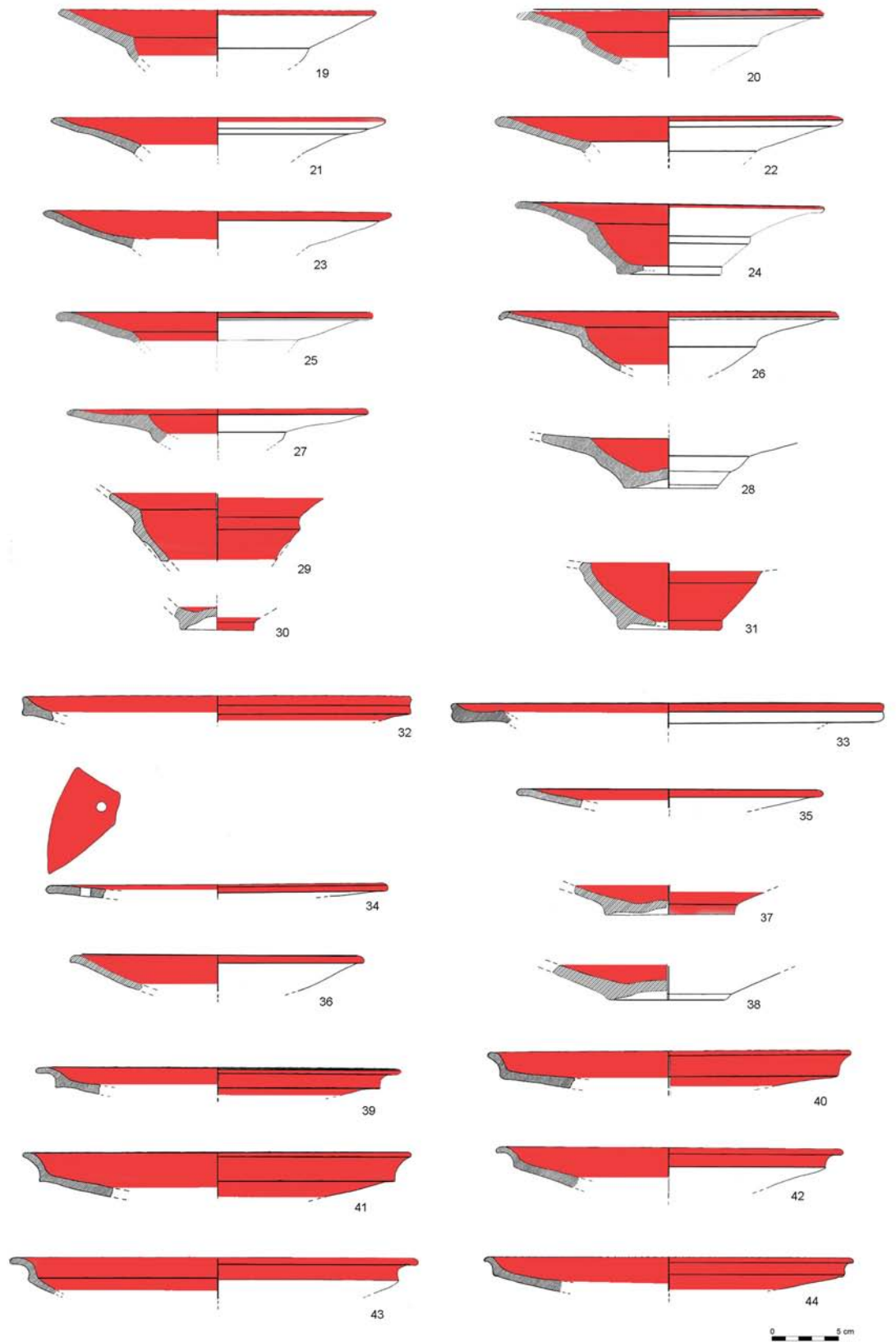


Figura 5
 Cerâmica de engobe
 vermelho: Pratos P1,
 P3d, P3b e Almaraz 1.

Torres Vedras; Penedo do Lexim, Mafra e Castelo dos Mouros. O fragmento da figura 4, n.º 3 encontra bons paralelos, concretamente na Lapa do Fumo (Sesimbra), (Cardoso, 2004).

Um pequeno púcaro de cozedura oxidante com asa faz parte deste grupo de cerâmicas de fabrico manual. Tal como os restantes fragmentos, também este apresenta paredes espessadas com acabamento rugoso da superfície e faz parte certamente de um fabrico local uma vez que não foram encontrados paralelos para esta peça (figura 4, n.º 16).

4.1.2. Cerâmica de engobe vermelho

O estudo do espólio cerâmico de engobe vermelho da Quinta do Almaraz, incidiu num conjunto de peças que se inserem num vasto universo, representativo da forte influência fenícia neste povoado sobranceiro ao Tejo.

No que concerne à cultura material, o espólio cerâmico é o que demonstra maior representatividade no sítio do Almaraz. Tomemos como exemplo um universo de 21947 fragmentos recolhidos do quadrado U45.3 que permitiu identificar uma percentagem de espólio de engobe vermelho na ordem dos 8,8%.

No nosso caso, trata-se de um conjunto de 62 fragmentos, proveniente do sector ST.2 (E) de um total de 2114, uma vez que nem todo o espólio se encontra disponível para análise. Alguns apresentam perfil completo, com uma cronologia bem definida que situamos na Idade do Ferro, segundo as análises de ¹⁴C. Neste contexto, foi possível contabilizar 177 bordos de pratos, 195 bordos de taças, 81 fundos e 51 fragmentos de pratos com concavidade central.

Nesta amostra identificámos maioritariamente duas formas diferenciadas: pratos e taças.

4.1.2.1. Pratos

Em relação a esta forma, temos a destacar os bordos de grandes dimensões. Estes integram-se nos três tipos definidos para a região de Huelva – P1, P2 e P3, ou seja:

- Pratos até 35mm de largura de bordo – figura 6, n.ºs 52, 53 e 54.
- Pratos até 55mm de largura de bordo – figura 5, n.ºs 34 e 35.
- Pratos com bordo superior a 55mm de bordo – figura 5, n.ºs 19-27.

No que concerne aos pratos, do tipo P1 de Huelva, estes apresentam um diâmetro de bordo entre os 230 mm e os 280 mm, resultando num diâmetro médio de 255 mm. Os pratos P2 apresentam um bordo entre os 230 mm e os 250 mm, sendo o diâmetro médio de 240 mm. Por último, os pratos do tipo P3 apresentam um diâmetro entre os 220 mm e os 260 mm, sendo o diâmetro médio de 240 mm.

4.1.2.2. Taças

No que respeita a esta forma, observam-se taças com duas características específicas:

Taças (Tipo A). São taças de carena muito acusada, de paredes bicôncavas, forma característica do Almaraz.

Taças (Tipo B). Estas taças apresentam uma carena menos acusada e parede convexa, forma que regista abundantes paralelos em Espanha (forma 3b de Huelva).

Tal como aconteceu no estudo apresentado na revista “Estudos Orientais”, com o título “*Fenícios na margem Sul do Tejo*”, (Barros, Sabrosa e Cardoso: 1993) foi ainda reconhecida uma forma que segundo os autores poderá ter dado origem ao chamado “prato de peixe”. São as chamadas “Taças de Pé”, denominadas Almaraz 1.

Estas ostentam uma pronunciada depressão central e na actualidade apresentariam o aspecto de fruteiras. Foi-lhes atribuída uma cronologia de finais do séc. VII a. C. e princípios do século. VI a. C.

De realçar ainda que todos os fragmentos estudados apresentam formas abertas e fazem parte da chamada “loija de mesa”.

Peças fabricadas a torno rápido e apresentam pastas duras, ou de dureza média, bem depuradas, com verniz no revestimento da superfície interior, a fim de garantir a impermeabilização das mesmas. Por vezes o engobe também foi aplicado na superfície externa, até ao nível da carena das taças, uma vez que estas seriam usadas para levar à boca.

A análise macroscópica do tipo de pastas faz-nos crer que provém do mesmo barreiro, uma vez que os elementos não plásticos são comuns. Observa-se, especificamente, uma razoável percentagem de pequenos elementos calcários, presentes em quase todos os fragmentos. Do mesmo modo, a maioria apresentam características foliáceas, embora nalguns casos se verifiquem pastas com granulometria fina, de aspecto arenoso muito fino. Contudo, só um estudo petrográfico nos permitirá esclarecer esta questão e possivelmente, definir qual a proveniência das argilas. Ao que tudo indica existe a possibilidade de estarmos em presença de fabricos locais.

O engobe aplicado nas cerâmicas da I Idade do Ferro é de grande qualidade, variando no entanto as suas especificidades cromáticas. Deste modo, este pode apresentar-se nas cores salmão, vermelho acastanhado, vermelho avinhado ou simplesmente vermelho e as pastas são na sua maioria, claras, rosadas e avermelhadas.

Por vezes, verifica-se que algumas peças apresentam sinais de exposição ao fogo em dois contextos diferenciados. Num dos casos as peças sofreram exposição ao fogo pós – fractura, e noutra situação, esses vestígios resultaram do processo de cozedura.

São peças acetinadas e normalmente apresentam brilho, podendo este ser brilhante, mate, ou semimate.

A peça n.º 19, é um prato de bordo largo, próximo do tipo P.3.d, de Rufete Tomico, (2002, 42), mas sem a carena exterior que os caracteriza, (figura 5, n.º 19).

As peças que figuram no catálogo, figura 5, n. 20-31, são pratos com bordo de grande dimensão, do tipo P.3.d, de Rufete Tomico, (2002, n.ºs 37, 86, 115, 120, 123), para os quais encontramos paralelos na necrópole do Galeado, Castelo de Alcácer do Sal, Santa Olaia, Abul, Castro Marim, Huelva, Sevilha, Málaga, Cerro del Villar, La Fonteta, Sa Caleta (Eivissa), morro de Mezquilha, Doña Blanca (Ruís Mata, 1993, Ruíz Mata e Peres, 1995), Trayamar (Shubart, 1977) e quadrado U 45/3 da Quinta do Almaraz.

Esta integração tipológica permite afirmar que a grande maioria dos pratos do Almaraz é tardia dentro das cronologias tradicionais, uma vez que o prato P3d de Huelva tem sido uma constante nos sítios arqueológicos Andaluzeiros, mas apenas naqueles níveis cujas datações correspondem tradicionalmente ao século VI a. C. e seguintes. Em Huelva, são os extractos do período Tartéssico, a par da cerâmica grega que datam este tipo de pratos, ou seja, a partir da 1ª metade do século VI a. C.

Esta análise estaria correcta, não fosse o Quadrado U 45/3, ter apresentado quanto as estas peças, uma “convivência” tipológica, numa estratigrafia bem datada por ¹⁴C.

São efectivamente pratos mais profundos, em que o bordo é acentuadamente oblíquo e que constitui o próprio corpo da peça, prolongando-se este até ao fundo. A cavidade central parece evoluir para a forma dos chamados pratos de peixe. No caso do Almaraz, esta forma é nitidamente muito abundante.

Segundo Ana Margarida Arruda, “...deve salientar-se que não é apenas a largura dos bordos de engobe vermelho recolhidos naquele sítio do estuário do Tejo que deve ser valorizada. De facto, é necessário ter em consideração que os coeficientes obtidos se cifram maioritariamente, entre os n.ºs 30-32, o que significa que aos pratos de bordo mais largo, quase sempre correspondem diâmetros mais reduzidos”. (Arruda, 2000, p. 6-8)

Os pratos de bordo muito amplo (figura 5, n.^{os} 32,33), do tipo P.3.b, de Rufete Tomico, apresentam uma canelura na extremidade do bordo, ou bordo bífido e estão tradicionalmente inseridos na segunda fase do Tartéssico Final, ou seja, datam cronologicamente do séc. VI. (Tomico, 2002, p. 60). Contudo, de na região de Málaga encontram-se datados do século VII a.C.

Os n. 34-35, correspondem a pratos evolucionados do tipo P.3. de Rufete Tomico, (2002, p. 60). Possuem secção delgada e bordo afilado ou ligeiramente esvasado. A esta tipologia poderão eventualmente pertencer os fundos n. 19 e 20 (figura 5).

As formas apresentadas na figura 5, n. 32-36, inserem-se no tipo P.1 de Huelva, de Rufete Tomico (1988-89). Representam pratos de pequeno bordo e foram encontrados paralelos em Almaraz, Huelva, Morro de Mezquitilla, Cádiz, Sevilha, Abul, Cerro da Rocha Branca e Baía de Cadiz.

O conjunto de “taças de pé” (figura 5, n. 39-44 e figura 6, n. 45 e 49), são taças de base bem destacado, com uma depressão funda, estreita, circunscrita por um bordo de grande dimensão, apresentando caneluras nas paredes externas. São formas correntes na Quinta do Almaraz e foram datadas do final do século VII a. C. e inícios do século VI a. C.

Independentemente do facto de as taças carenadas de engobe vermelho terem uma longa tradição na cerâmica fenícia, é impossível não reconhecer que os exemplares de Almaraz revelam uma série de características relativamente incomuns nos sítios fenícios e orientalizantes da Península Ibérica, assemelhando-se no entanto, aos exemplares recolhidos no claustro da Sé de Lisboa, permitindo-nos conjecturar a possibilidade de terem origem no mesmo centro produtor.

O conjunto de taças representadas pelos n. 71-74 da figura 7, inclui-se no grupo de formas tipo B, ou seja, taças carenadas com o bordo côncavo e corpo ligeiramente convexo, as quais encontram significativos paralelos em território espanhol e que se identificam com a forma C 3b de Huelva de Rufete Tomico, (2002, p. 40). Para estas formas encontramos paralelos em Alcácer do Sal, Almaraz, Abul B e Sevilha.

A Quinta do Almaraz ofereceu um conjunto de taças idênticas às anteriores e estão representadas com os n. 46 a 48, 50, 55 a 70 (figura 6 e 7), integrando o conjunto das taças carenadas Tipo A, cuja tipologia apresenta um bordo de forma côncava e corpo de igual modo ligeiramente côncavo. Surgem em grande número neste povoado e não se verifica grande abundância de paralelos, sendo esta uma das características das peças que identificam este sítio.

Em Abul A, o horizonte IB/IC ofereceu algumas taças, com corpo ligeiramente côncavo, mas apresentam bordo direito, (Mayet, Silva, 2000: 85 e 109).

Os fundos, n. 73 a 78 da figura 7, não nos permitem definir a tipologia das peças, mas é possível que pertençam a taças carenadas, taças em calote ou até mesmo pratos tipo P.1 de Huelva. Saliente-se o facto de todos eles apresentarem ônfalo, nalguns casos bem pronunciado.

As taças em calote também encontram aqui representação na peça n. 79 da figura 7. Estas apresentam um bordo não espessado, com paralelos em Huelva, bem como na Costa do Levante e na Andaluzia, (Barros, Sabrosa e Cardoso, 1993, p. 157). Trata-se de uma forma muito comum nas cerâmicas cinzentas. De salientar que a peça n.º 60 apresenta na sua base um grafito de leitura incompreensível.

Por último, a peça n.º 80, figura 7, corresponde possivelmente a uma taça de grandes dimensões, apresentando um bordo espessado e esvasado. Trata-se de um fragmento revestido com engobe vermelho nas duas superfícies e para o qual não foram encontrados paralelos.

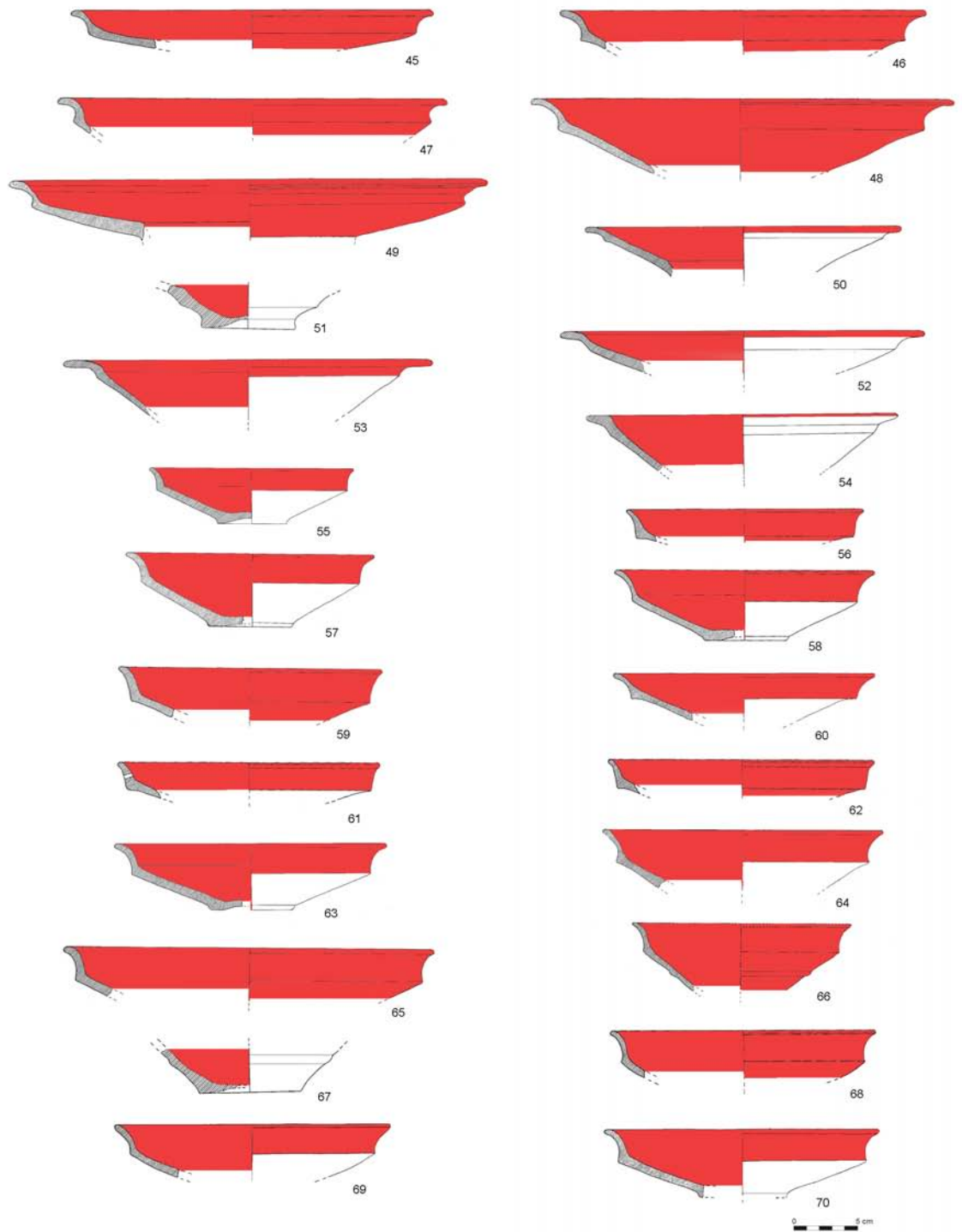


Figura 6
 Cerâmica de engobe
 vermelho: Almaraz1,
 Pratos P1, taças tipo A
 e tipo B.

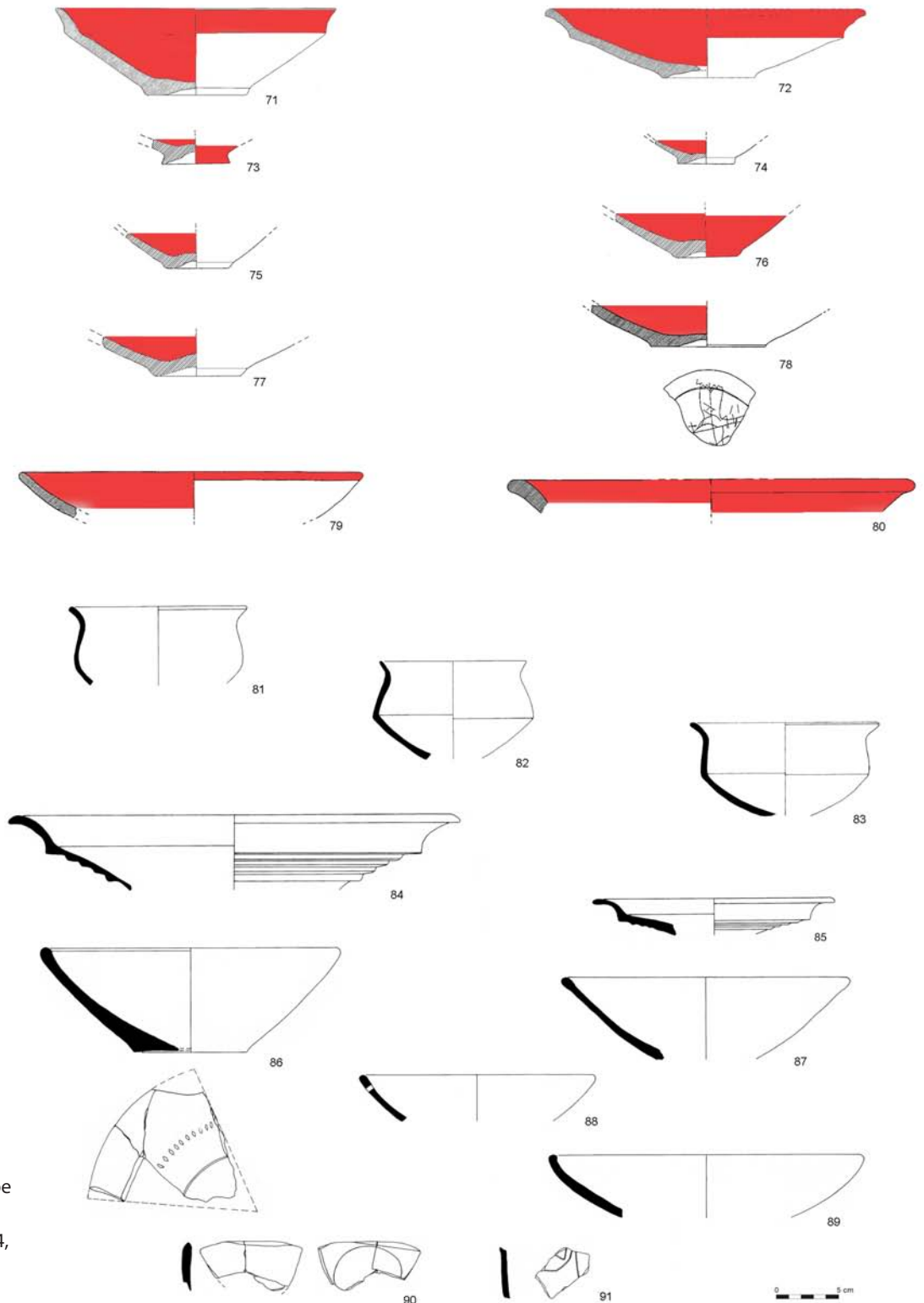
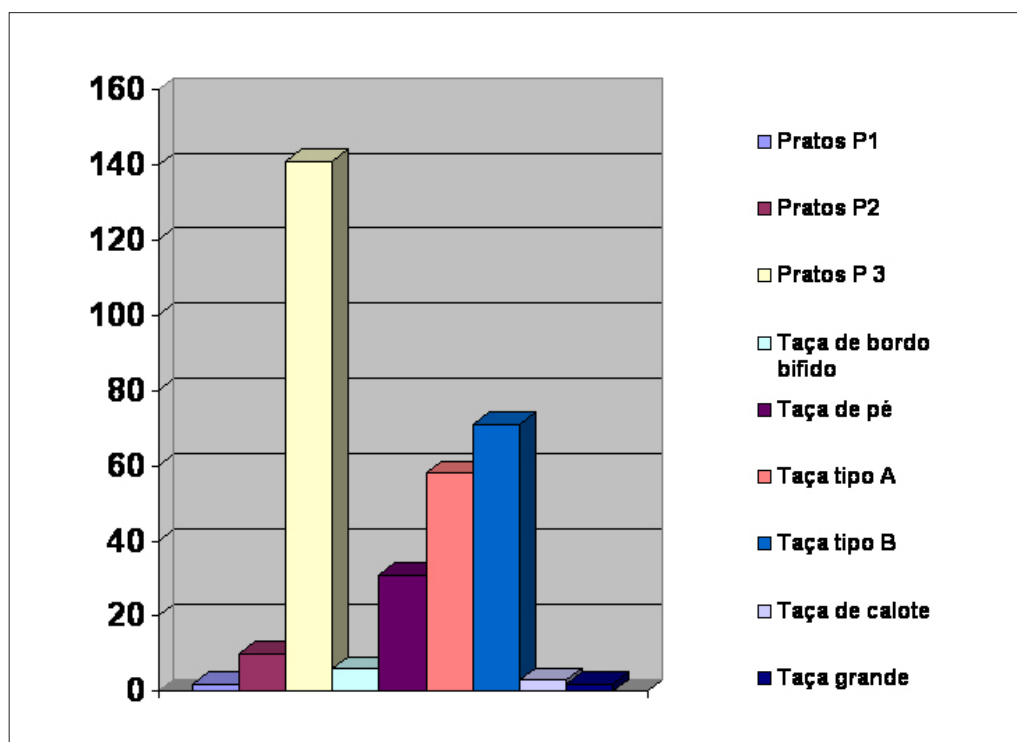


Figura 7
 Cerâmica de engobe vermelho: fundos e taças tipo A, tipo C4, fundo de taça com grafito, recipiente de grande diâmetro com tipologia indeterminada.
 Cerâmica cinzenta fina, taças em calote, lançadeira de tear e aba de prato com grafito.

5. Análise quantitativa

Tendo por base um universo de 2114 fragmentos de peças de cerâmica de engobe vermelho, recolhidas no quadrado em estudo, procedemos à análise quantitativa de percentagens tendo por base os fragmentos de bordos (n.e.m). Eliminaram-se os fragmentos de paredes e de pés para se evitar repetições que poderiam falsear os resultados.

Gráfico respeitante às percentagens de fragmentos com bordo contabilizados por tipos.



5.1. Cerâmica cinzenta

A exemplo da análise que efectuámos em relação à cerâmica de engobe vermelho, a cerâmica cinzenta exumada do fosso da quinta do Almaraz apresenta-se também ela fina e de muito boa qualidade. As pastas são duras, muito bem depuradas e o acabamento das superfícies acetinado e brilhante. Deste conjunto de peças destacamos três formas: os pratos de bordo esvasado com pé destacado, (figura 7, n. 84 e 85) as taças em calote, (figura 6, n. 68, 69, 70, 71 e figura 7, n. 86), e as taças de pequena dimensão, com bordo esvasado, ligeiramente estranguladas, e corpo hemisférico ou de carena, (figura 7, n. 81- 83). Esta forma não é comum à maioria dos assentamentos fenícios conhecidos. Surgiu em Lisboa nas escavações da Sé, designada como forma 3, com três subtipos, (Arruda *et al*, 2000: 36 e 37), aos quais não faremos corresponder os nossos exemplares, uma vez que os da Sé de Lisboa se encontram muito incompletos, enquanto as taças do Almaraz apresentam perfil quase completo no que se refere ao quadrado 12 (Q. A12) e completo no que respeita à taça proveniente da fossa de detritos, quadrado Q. U45.3, (Barros e Soares, 2004: 346). A taça n.º 81, figura 7, encontra algumas afinidades com as taças da forma 7 da Alcáçova de Santarém, (Arruda, 2000).

Tal como já tínhamos observado em relação aos pratos de pé destacado de engobe vermelho, também a mesma forma, mas em cerâmica cinzenta, apresenta excelente qualidade quer em relação à pasta, quer em relação ao tratamento das superfícies, polidas a torno, acetinadas e apresentando vários diâmetros. Trata-se de uma forma com um paralelo idêntico em Abul B, forma IC, (Mayet, Silva, 2000: 196, fig. 65, n.º4). No caso dos exemplares do Almaraz, verifica-se uma maior exuberância decorativa, observável no conjunto de nervuras do corpo da peça.

As taças em calote inserem-se num vasto conjunto de peças presentes em todos os contextos de influência sidérica. No caso concreto do Almaraz, elas surgem na primeira camada de enchimento da fossa de detritos, numa datação de 14C, cujo balizamento se situa entre os séculos IX e VII a. C., (Barros e Soares, 2004). Dado que, segundo os autores, a colmatação do fosso do Almaraz ocorreu no séc. VII a. C., é certo que esta tipologia obedeça a estes critérios. Assim, quanto às taças n.º 86 e 87 da figura 7, esta forma surge nas escavações da Sé de Lisboa, inserida na tipologia 1C, (Arruda, 2000), em Santarém, designada por forma 1, (Arruda, 2000: 199), Alcácer do Sal, grupo B, (Silva *et al*, 1980-81: 170), da Fase III, séculos VII-VI a. C., Abul A, forma II A1, (Mayet e Silva, 2000) datada do séc. VII, Castro Marim, (Arruda, 2000: 47). Quanto à taça com bordo de inflexão interna, n.º 81 da figura 7, ela é, tal como a anterior, uma forma comum em todos os povoados da Idade do Ferro. Em Alcácer do Sal, insere-se no grupo A, (Silva *et al*, 1980-81: 170), numa cronologia entre os séc. VII e VI a. C., da chamada Fase III. Também em Cáceres, (Navascués *et al*, 2001: 87), ou ainda em Málaga, (Aymerich, 1981-1988: 199) onde esta forma se encontra datada para o séc. VII a. C. Por sua vez, a taça n.º 86 da figura 7, encontra-se inserida no designado grupo B da fase III do Castelo de Alcácer do Sal, com idêntica cronologia. (Silva *et al*, 1980-81)

Ainda de fabrico de cerâmica cinzenta, temos um pé destacado que só por si não nos permite a identificação e classificação do tipo de peça a que pertencia. (figura 7, n.º 87). Tratar-se-ia certamente de uma peça de grande dimensão, dada a espessura das paredes e a altura do pé.

O fragmento n.º 90 da figura 7 será ao que tudo indica uma lançadeira de tear. Esta escavação ofereceu vários exemplares, todos eles de forma triangular, encontrando-se fracturados num dos ângulos. Reaproveitada a partir da aba de um prato, a peça apresenta desgaste em torno das fracturas e polimento nas superfícies devido à utilização intensiva.

Deste conjunto de cerâmica cinzenta sobressai ainda um tripode de bordo em aba, com secção triangular, embora incompleto devido à ausência dos pés, (figura 7, n.º 88). Também usados possivelmente como almofarizes quando de maiores dimensões, acreditamos que estes recipientes de pequeno diâmetro, em cerâmica cinzenta e de paredes muito finas, seriam possivelmente utilizados como peças de mesa, talvez como molheiras, ou como defumadores. Esta forma não é inédita no Almaraz, tendo surgido com perfil completo no quadrado U 45/3. De características nitidamente orientalizantes, parece reunir o consenso quanto à cronologia, quer de Ramon Torres, (Torres, 1999, p. 178), quer de González Prats, (Prats, 1983, p. 200-204) que a situam cronologicamente entre a segunda metade do século VII a. C. e a primeira do século VI a. C.

5.1.2. Cerâmica oxidante a torno

Das cerâmicas em análise, este conjunto, embora mais reduzido, é simultaneamente o mais diversificado. Aqui se incluem a cerâmica fosca, a cerâmica pintada e as ânforas.

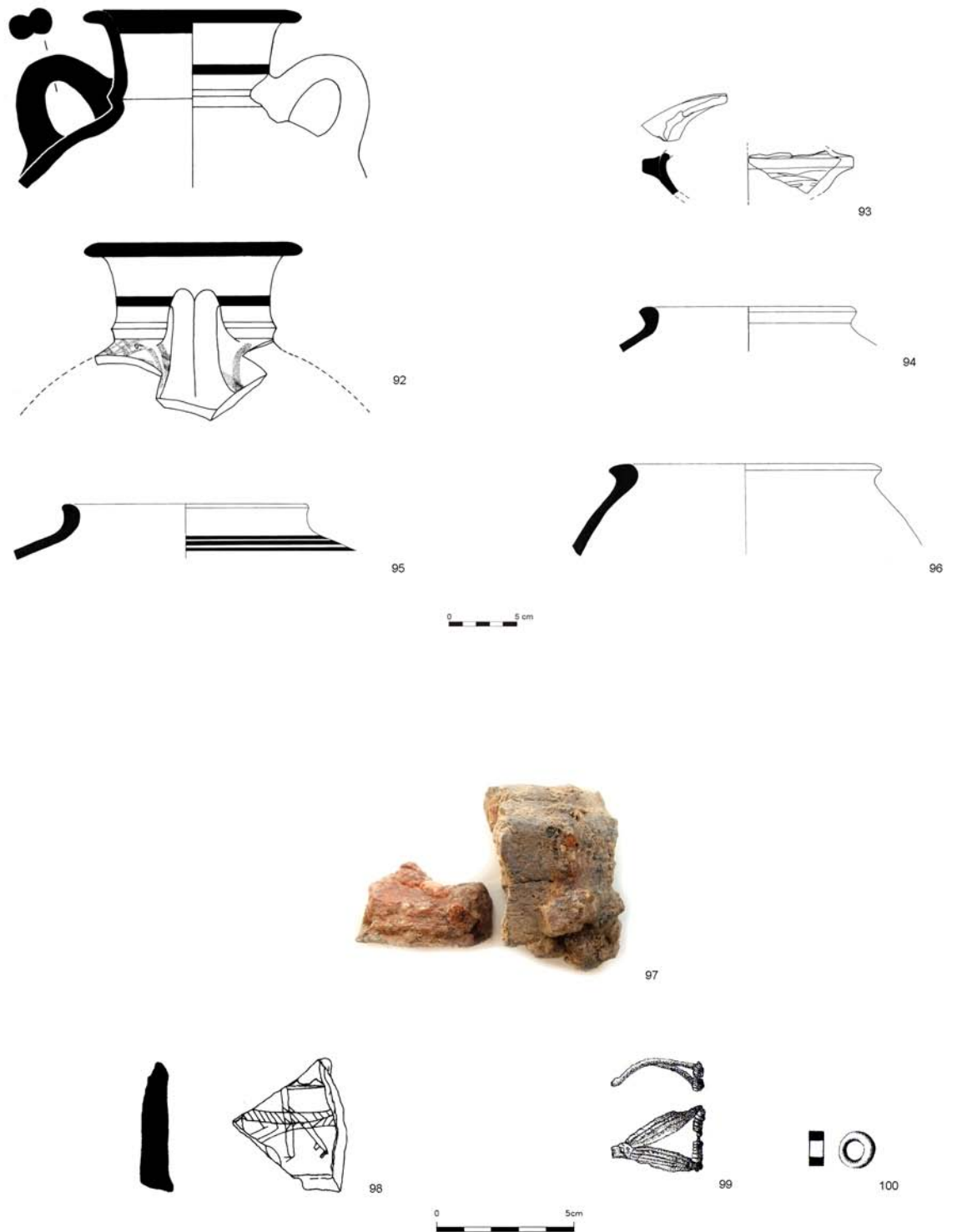


Figura 8

Urna Cruz del Negro;
 peça indeterminada
 de engobe vermelho,
 ânforas e fragmento
 de algarviz. Metal:
 fíbula tipo Acebuchal
 e conta em bronze.

A cerâmica fosca encontra-se representada através de duas panelas de cozedura semi-oxidante, com pasta de dureza média e desengordurantes também de calibre médio, excepto os elementos micáceos que se apresentam muito finos. As superfícies apresentam cor bege e rosadas, existindo evidências de exposição ao fogo, (figura 4, n.ºs 12 e 13).

A presença desta forma regista-se em Abul A (Mayet e Silva, 2000: 61), Castelo de Alcácer do Sal, (Silva *et alii*, 1980-81: 16) e ainda na camada mais antiga (Almaraz 11) da fossa de detritos (Barros e Soares, 2004, p. 345).

O quadrado Q.A12, também ofereceu substancial quantidade de fragmentos de cerâmica pintada. É o caso da cerâmica pintada de importação, representada através do jarrinho com asa de secção circular que apresenta a superfície externa com engobe vermelho. A pasta é castanha e com raros desengordurantes finos (figura 4, n.º 16). Possuímos ainda um fragmento de bordo de pote com inflexão interna, e pequena pega vertical. Na superfície externa observam-se traços finos verticais e oblíquos pintados a vermelho sobre uma base bege. Apresenta uma pasta compacta, não foliácea, vermelha clara, o que indica estarmos certamente perante uma peça de importação (figura 4, n. 18). Também de filiação orientalizante, foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica proto-Coríntia. Trata-se de um pequeno recipiente contentor de líquidos, provavelmente de óleos. Este encontra-se em difíceis condições de leitura, devido às características da pasta que neste caso é de muito má qualidade. No entanto, uma observação rigorosa permite perceber que temos uma pasta clara, as superfícies decoradas com bandas finas a negro e vermelho e que situamos cronologicamente dos inícios a meados do século. VII a. C.

Registámos ainda alguns fragmentos de cerâmica pintada em bandas policromas e bicromas, sem leitura tipológica. Predominam os tons beges, vermelhos e negro. As pastas são maioritariamente vermelhas, homogéneas e bem depuradas, com desengordurantes de calibre médio e fracturas regulares.

Deste conjunto destacamos o fragmento de bordo e asas, correspondendo ao exemplar de uma urna “Cruz del Negro”, (figura 8, n.º 92). Esta forma que está associada normalmente a contextos funerários, surge no fosso do Almaraz e não descartamos a hipótese de ter sido utilizada como ânfora ou jarra. Apresenta asas bífidas, bordo em aba e colo cilíndrico com aresta. Quanto ao corpo, é impossível identificá-lo como globular ou ovóide. De fracturas regulares, apresenta uma pasta dura, bem depurada, foliácea, compacta, com desengordurantes raros e de calibre médio. Esta peça apresenta ainda a particularidade de possuir, para além das bandas vermelhas no bordo e no colo, pintura reticulada também vermelha no arranque do bojo. Este tipo de decoração não é comum nesta tipologia. Contudo, em Castro Marim, surgiu uma urna com decoração reticulada ao nível do bordo, (Arruda, 2000, p. 45) e que se encontra datada do séc. VII a. C. do horizonte IV de Toscanos. Apesar do paralelismo do bordo e asas deste fragmento, com o bordo da peça n.º 53 da Necrópole do Senhor dos Mártires, (Arruda, 2000, p. 76), não o podemos fazer corresponder àquele tipo de corpo, uma vez que o fragmento do Almaraz se encontra incompleto. Importante salientar que esta forma, de cariz semita, encontra a sua maior expressividade em povoados indígenas, mas ao mesmo tempo disseminada em contextos fenícios, o que se tem confirmado nos povoados de influência orientalizante em território Português, é o caso de Conímbriga, Alcácer do Sal, Castro Marim, Santa Olaia, Lisboa, Abul e Almaraz.

Do conjunto de ânforas oferecidas pelo fosso do Almaraz, destacamos três formas: as que correspondem aos n.ºs 94 e 95 (figura 8) encontram paralelos na alcáçova de Santarém, (Arruda, 2000, p. 207, peças 7 e 4). A primeira, poderá pertencer ao grupo 4 de Santarém

(Arruda, 2000, p. 208) e segundo a autora, esta não se enquadra em nenhum grupo conhecido de ânforas de filiação orientalizante, sendo possível associá-las às ânforas de saco de Trayamar 1, com datação do séc. VI a. C. Quanto ao fragmento n.º 95 podemos englobá-lo no grupo 3 também de Santarém, apesar das dúvidas colocadas pela autora quanto à sua funcionalidade. Esta peça apresenta ainda decoração em bandas finas. O bordo de ânfora n.º 96 encontra paralelo na Sé de Lisboa, (Arruda, 2000: 123), com a peça n.º 7. Segundo a autora, esta forma insere-se no grupo 1.2.3.4. de Ramón Torres, do chamado «grupo de Villaricos», que datam do séc. V a. C. Embora as ânforas com maior diâmetro de bordo sejam mais tardias, estas formas não se enquadram cronologicamente no grupo artefactual que temos vindo a estudar, daí que em nossa opinião, seja necessário rever outras cronologias referentes a estudos mais antigos. Estes fragmentos apresentam fracturas regulares. As pastas são de dureza média, compactas, foliáceas e bem depuradas, com desengordurantes de calibre médio. Nas superfícies foi aplicado engobe branco e as pastas são vermelhas.

6. Metalurgia

A actividade metalúrgica encontra-se bem documentada no Almaraz, não só através dos vestígios de minério, mas também porque os cadinhos e algaravizes aqui descobertos, demonstram a existência de oficinas de fundição. Esta realidade foi comprovada com o mesmo tipo de materiais, em Santarém, (Arruda, 2000, p. 216), mas também em Málaga, Morro de Meztiquilla (Aubert, 1997, p. 45).

Os metais também se encontram representados no quadrado Q.A12. Destacamos as fíbulas «tipo Acebuchal» (figura 9, n.º 99) que faz parte do grupo das fíbulas peninsulares. Trata-se de um exemplar em bronze «Ponte 9» (Ponte, 2006, p. 138-146) com cronologia do séc. VII. Fíbula de pé levantado, eixo independente, arco em mola bilateral simétrico com 12 voltas. Neste caso com ausência de fuzilhão. O arco é bifurcado laminado e o apêndice caudal é zoomórfico. Esta fíbula encontra-se também presente em Caminha, Condeixa – Conímbriga, Cadaval, Torre de Palma e ainda na província de Albacete, (Gamo *et al*, 1992, p. 80). Outros fragmentos deste tipo de fíbula surgiram neste contexto, o que reflecte uma preferência pelo modelo, ou um gosto de época. Para além das fíbulas, as agulhas e contas em bronze, também fazem parte deste espólio (figura 9, n.º 100).

Por último e intencionalmente, referimo-nos às peças grafitadas com embarcações. Os exemplares que se conhecem têm proveniência na bacia do Tejo, concretamente da rua dos Correeiros, onde surgiu um exemplar de embarcação para navegação fluvial e costeira, mas da época púnica (Amaro, 1995). No Almaraz, os exemplares que surgiram até ao momento, mostram-nos ao que tudo indica, um barco de navegação fluvial e outro de navegação oceânica. Contudo, o exemplar que agora apresentamos é bem representativo de um tipo de navegação também oceânica, em que eram usadas embarcações de grande calado, próprias de um comércio intensivo e à distância (figura 8, n. 98). Inédita até ao momento, esta peça proporciona-nos uma leitura significativa do tipo de técnica e aperfeiçoamento nas redes de ligação comercial existentes na época. Por outro lado, o registo da actividade mercantil em suporte cerâmico, parece-nos elucidativo da impressão causada nos habitantes, quanto à dinâmica comercial que nesta época invadia e dominava o Tejo.

7. Considerações finais

A análise deste pequeno conjunto de fragmentos, vem corroborar um estudo já apresentado, (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993), em que foi evidenciada a tipologia, a técnica e a qualidade deste espólio, características que podemos comprovar através das análises de ^{14}C e que identificam estas peças cronologicamente na 1ª fase da I Idade do Ferro.

A presença de espólio de engobe vermelho de influência orientalizante da Quinta do Almaraz, não deverá ser interpretada como resultado de uma ocupação fenícia efectiva. Os vestígios de povoamento remontam ao Calcolítico, prolongam-se pela Idade do Bronze e quando os Fenícios abordaram o local pela primeira vez, é provável que ali tenham encontrado um aglomerado populacional bem organizado, O Almaraz insere-se num vasto conjunto de locais de comércio que proliferaram ao longo de toda a costa Meridional e Levantina do território ibérico, e assumiu um papel importante dentro do processo de dinâmica comercial e cultural que se estabeleceu entre os povos do Mediterrâneo e as populações indígenas do espaço peninsular.

Destes contactos entre os naturais e os comerciantes fenícios, resultaram evidências materiais, que se traduziram numa abundância de espólio de influência orientalizante, do qual se destaca as cerâmicas de engobe vermelho e a cerâmica cinzenta. No entanto, temos que considerar algumas hipóteses no que a estas tipologias diz respeito. Muito deste material não teria origem expressamente em contextos orientais, mas que o mesmo, poderia circular entre diversos portos comerciais, "...um comércio entre vizinhos" (Schubert, 1982, p 90). Assim se explica, segundo o autor, "uma leitura cronológica de peso para a ordenação temporal dos complexos indígenas."

Os "vizinhos", neste caso, poderiam estar muito próximos. Os resultados das escavações levadas a efeito no claustro da Sé de Lisboa, ou ainda em Santarém, com o seu conjunto de espólio variado, bem como os materiais de construção, apoiariam a tese de uma mesma realidade e convivência local. Consideramos mais plausível a hipótese de tão elevado número de materiais, com características tão específicas, seja produto da laboração de fornos para abastecimento local, dada a presença de trempes no Almaraz, bem como o tipo de pastas que evidenciam a utilização de barros de cariz local. Muito arenosas, uma vez que apresentam a característica comum de desengordurantes calcários, micáceos e quanto aos quartzos são basicamente fumadas. As pastas são de dureza média, excepto as de engobe vermelho e cinzentas que nalguns casos se apresentam muito duras. Se por um lado, constatamos a presença de alguns materiais exógenos, de clara proveniência Mediterrânea, por outro, o sítio apresenta tipologias muito específicas, já que este povoado, onde se manifesta a influência da cultura fenícia, tem vindo a oferecer um espólio cerâmico com formas bem individualizadas, se tivermos em conta outros assentamentos de influência sidérica. Temos ainda que avaliar o facto, de as peças de filiação orientalizante terem sido recolhidas em estruturas de cariz habitacional, ou com elas relacionadas, caso das lixeiras ou fossos, sendo fundamental conhecer os resultados de outras intervenções arqueológicas, que deste modo possam esclarecer e reestruturar o nosso discurso, pois até ao momento não foram publicados – daí ignorarmos se existem e onde – os centros oleiros de produção.

Em relação ao Almaraz e tendo em conta a amostragem deste estudo, a percentagem de taças com morfologia, C4 reduz-se a dois exemplares, enquanto nas cerâmicas cinzentas, a sua presença é manifestamente superior, o mesmo acontecendo em todo o contexto de cultura sidérica.

Por outro lado, as taças carenadas, tão comuns na loiça de engobe vermelho, também adquire características específicas, sobretudo as bicôncavas do tipo A, que correspondem ao tipo C3b de Rufete Tomico, para Huelva. As produções do Almaraz, se for o caso, evidenciam bordos mais esvasados, com o perfil da parede mais curvilíneo. O fundo normalmente é côncavo, pode apresentar-se com ou sem pé, podendo ser este, indicado ou anelar, (Barros, 1993, p. 178-179).

Mas foram os pratos do tipo P3 de Rufete Tomico, os que apresentam maior representatividade. Trata-se de uma tipologia que apresenta como principal característica uma carena bem acusada e um bordo largo e oblíquo.

Tem sido comumente salientado por alguns autores, que estes pratos surgiram, produto da evolução dos tipos P1 e P2. (H. Schubart, H. G. Niemeyer, 1976). Segundo a opinião de Schubart, a classificação cronológica dos seus estudos sobre os pratos de Toscanos, estabelece a evolução desta tipologia, com bordos de 20mm, e a sua evolução progressiva até ao século. VI a. C., em que chegam a alcançar 80 mm de largura. No entanto, em Almaraz, os pratos de forma P3d, coexistem nos mesmos níveis arqueológicos, com outros de bordo estreito e horizontal, P1 e P2 da mesma tipologia. Sabe-se que a produção deste último tipo de pratos se iniciou no momento antigo da Idade do ferro, existindo testemunhos seguros da sua utilização, a partir da 1ª metade do século. VIII a. C.

Não podemos ignorar as condicionantes geográficas que permitiram o comércio dos marítimos fenícios com o Almaraz. Este povoado, gozou do facto da proximidade do Oceano Atlântico e mais propriamente da sua óptima localização na margem esquerda do Rio Tejo. Favorecido por estes acessos, o Almaraz desenvolveu-se economicamente e foi certamente um espaço onde se verificou um comércio intensivo de grande importância, permitindo antever uma influência primordial num contexto geográfico de grande amplitude, especificamente em regiões a montante do Tejo.

O Almaraz insere-se no grupo de sítios cujo povoamento resulta de uma contínua permanência no local, contrariamente à falta de homogeneidade que se verificou nos territórios do interior, muitos deles do Bronze Final e que só voltaram a ser reocupados na II Idade do Ferro, enquanto noutros casos, os povoados foram fundados, sem que antes ali tivesse existido outro contexto cronológico.

Assim, Mário Varela Gomes e Armando Coelho Ferreira da Silva, afirmam, “Podemos concluir que uma apertada rede de estabelecimentos comerciais, procuravam o contacto com o *hinterland*, sendo capaz de relacionar comercialmente agentes económicos de duas culturas providas de instituições distintas, ou seja, entre a aristocracia peninsular e os mercadores semitas”, (Silva e Gomes, 1994, p. 134). Assim, na base deste interesse pela região, não esteve alheia a mineração aurífera, tal como acontecia noutros locais da Península, como por exemplo, a exploração das minas de prata de Rio Tinto.

No povoado do Almaraz, estão bem patentes os vestígios que nos indicam a presença de oficinas de fundição: restos de adobe, camadas de cinzas, escórias de fundição, uma conta em ouro, cadinhos de fundição aurífera, cadinhos de fundição e copolação de prata, bem como, restos de fundição de cobre, bronze, prata, ouro, ferro e chumbo. Não podendo esquecer os algaravizes, peças que permitiam a entrada do ar nos fornos de fundição (figura 8, n.º 97).

A riqueza dos solos, a abundância e a diversidade faunística, bem como uma rede hidrográfica extensa, constituíram factores determinantes que se reflectiram certamente em produções significativas de bens de consumo.

Conscientes de que não se trata de um estudo conclusivo, o mesmo constitui uma fonte de trabalho para futuras investigações, uma vez que existem questões em aberto, tais como

as que se relacionam com o tipo de povoamento, o extracto populacional de cariz indígena, ou ainda, Almaraz como centro produtor oleiro.

Esperamos assim, compreender objectivamente toda a funcionalidade de um espaço de primordial importância, inserido num contexto de influência orientalizante que definiu e marcou culturalmente as sociedades litorais da Península Ibérica na I Idade do Ferro.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUIDA, A. M. (2001) – Importações púnicas no Algarve: cronologia e significado. *In Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Universidade Aberta. Lisboa, p. 69-98.
- ARRUIDA, A. M. (2000) – *Fenícios e o Mundo Indígena no Centro e Sul de Portugal, (séculos VIII-VI a. C.)*, II Vol., Lisboa. Dissertação de Doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- ARRUIDA, A. M. (2000) – *Los fenicios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6, Barcelona.
- ARRUIDA, A. M. ; FREITAS, V.T.; SÁNCHEZ, J.I.V. (2000) – Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3, N.º 2, p. 25-57.
- ARRUIDA, A. M. (2005) – O 1º milénio A.N.E. no centro e sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Série 4. N.º 23, p 9-156.
- ARRUIDA, A. M. (2005a) – Orientalizante e pós-orientalizante no Sudoeste Peninsular: geografia e cronologias. *Anejos de Archivo Español de Arqueología. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida*. Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Vol. I, p. 277-303.
- AMARO, C. (1995) – *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Fundação Banco Comercial Português. Lisboa.
- AMARO, C. (1993) – Vestígios Materiais Orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa. Actas do colóquio: «Os Fenícios no território Português». *Estudos Orientais*, Lisboa, p.183-182.
- AUBET, M. E. (1999) – La secuencia arqueo-ecológica del Cerro del Villar. La Ceramica Fenicia en Occidente. Centros de producción y áreas de comercio. *In Actas del I Seminario Internacional sobre temas fenicios. Dirección General d'ensenyaments Universitaris investigació e Instituto de cultura "Juan Gil-Albert"*. Valencia / Alicante. p. 41-68.
- AUBET, M. E. (Coord.) (1997) – *Los fenicios en Málaga*. Universidad de Málaga. p 13-45.
- BARROS, L., CARDOSO, J. L. SABROSA, A. (1993) – Fenícios na Margem Sul do Tejo. *Estudos Orientais*, Lisboa, p. 143-181.
- BARROS, L.; HENRIQUES, F. (1988) – Almaraz – um entreposto comercial na foz do Tejo. *2 as Jornadas de Estudos sobre o Concelho de Almada*. p. 87-89.
- BARROS, L.; HENRIQUES, F. (1988) – Vestígios de um cais pré-romano em Cacilhas. *2 as Jornadas de Estudos sobre o Concelho de Almada*, p. 101-102.
- BARROS, L., SOARES, M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, p. 333-352.
- BARROS, L. (1998) – *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*. Câmara Municipal de Almada, Museu Municipal, Núcleo de Arqueologia e História, p. 9-35.
- BEIRÃO, C. M. de; GOMES, M. V. (1983) – A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Mil Fontes). *O Arqueólogo Português*. Série IV. Volume 1. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, p. 209-266.
- CAMPOS, J. M.; VERA, M., MORENO, M.T. (1988) – Protohistória de la Ciudad de Sevilla – El corte estratigráfico San Isidoro 85-6. *Monografías de Arqueología Andaluza*, 1, p. 68 e 75.
- CARDOSO, J. L. (2004) – A baixa Estremadura dos Finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História regional. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 12. Câmara Municipal de Oeiras.
- CORREIA, V. H. (1993) – Os Materiais Pré-Romanos de Conímbriga e a Presença Fenícia no Baixo Vale do Mondego. *Estudos Orientais. Actas do Encontro «Os fenícios No território português»*. Lisboa. 4, p. 229-283.
- DIAS, A. R.; NAVASCUÉS, J. J. E. (2001) – Extremadura Tartéssica: arqueologia de um processo periférico. *Edicions Bellaterra, S.A.* Barcelona, p. 178-179.

- GAMO, R. S. PRECIOSO, J. L.; COMBADIERA, L. S. (1992) – Las Fíbulas de la Provincia de Albacete. *Instituto de Estudios Albacetences de la Excm. Diputación de Albacete*.
- GRAN-AYMERICH, J. (1991) – Málaga phénicienne et punique. Recherches franco-espagnoles 1981-1988. *Recherche sur les Civilisations*. Paris.
- GOMES, M. V. (1993) – O estabelecimento fenício-púnico da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais. Actas do Encontro «Os fenícios No território português»*. Lisboa, 4, 73-107.
- LÓPEZ AMADOR, J. J. (1996) – Tartésios y fenicios en Campillo (El Puerto de Santa María, Cádiz). *Una aportación a la cronología del Bronce Final en el Occidente de Europa*. El Puerto de Santa María.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2000) – L'Établissement Phénicien d'Abul – Le site Phénicien d'Abul (Portugal), comptoir et sanctuaire. *Diffusion de Boccard*, Paris. p. 237-242.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2001) – O Santuário de Abul B uma presença púnica no Baixo Sado?. *Os Púnicos no Extremo Ocidente*, Universidade Aberta. Lisboa, p. 173-195.
- MATA, D. R. (1993) – Los fenicios de época arcaica – siglos VIII/VII a. C. – en la bahía de Cádiz. Estado de la questione. *Estudos Orientais. Actas do Encontro «Os fenícios no território português»*. Lisboa, 4, p. 23-72.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2010-2011) – Novos dados sobre a presença Fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18. Oeiras, p. 591-618.
- PRATS, A. G. (1983) – Estudio arqueológico del poblamiento antiguo de la Sierra de Crevillente – Alicante. *Lucentum (Anejo)*, p. 265-286.
- PRATS, A. G.; SEGURA, E. R.; MENARGUEZ, A. G. (1999) – La Fonteta, La Cerámica Fenicia en Occidente. *Actas del I Seminário internacional Sobre Temas Fenícios*, p. 257-301.
- STILLWELL, A. N.; BENSON, J. L. (1984) – *The Potter's Quarter – The Pottery. Corinth*. Vol XV. Part. I II. Princeton.
- PONTE, S. (2006) – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópico.
- RENFREW, C. (1982) – *Theory and Explanation in Archaeology*, New York.
- RUIZ-GALVEZ PRIEGO, M. L. (1986) – Navegacion y comercio entre el Atlántico y el Mediterráneo al fins de la Edad del Bronce. *Trabajos de Prehistoria*, 43, p. 9-42.
- RUFETE TOMICO, P. (1988-89) – Las ceramicas com engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueologica*, vol. X-XI, 3, p. 10-40.
- RUFETE TOMICO, P. R. (1999) – Las Primeras cerámicas fenicias en los poblados tartésico de Huelva. La Cerámica Fenicia en Occidente. *Actas do I Seminário Internacional Sobre Temas Fenícios*, p. 215-240.
- RUFETE TOMICO, P. R. (2002) – *Final de Tartessos y el Período Turdetano en Huelva*. Huelva Arqueológica. 17. Huelva: Diputación provincial de Huelva.
- SCHUBART, H. (1982) – Asentamientos fenicios en la costa meridional de la Peninsula Ibérica. *In Primeras Jornadas Arqueológicas sobre colonizaciones orientales. Huelva Arqueológica, VI*. Disputación de Huelva, p. 71-99.
- SCHUBART, H. (1997) – El Asentamiento Fenicio del siglo VIII A.C. en el Morro de Mezquitilla (Algarrobo) – *Los Fenicios en Málaga*, Maria Eugenia Aubet (coord.), p. 13-45.
- SILVA, A. C. F.; GOMES, M. V. (1994) – *Proto-História de Portugal*. Universidade Aberta, p. 129-164.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de M.; DIAS, L. F.; SOARES, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. 6-7. Setúbal, p. 149-218.
- SOUSA, E. (2011) – *A ocupação pré-romana da foz do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a. C.* Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Repositório, ul. pt
- SOUSA, E. (2013) – A ocupação da foz do Estuário do Tejo em meados do 1º milénio a. C. *Cira Arqueologia*. N.º 2, p. 103-117.
- STUIVER, M.; BRAZIUNAS, T. F. (1993) – Modelling Atmospheric 14C Influences and 14C Ages of Marine Archeological Samples to 10, 000 BC. *Radiocarbon*. Tucson. 28: 2B, p. 137-189.
- TORRES, R. J. (1999) – La Cerámica Fenicia a torno de Sa Caleta. La Cerámica Fenicia en Occidente. *Actas del I Seminario Internacional Sobre Temas Fenícios, Arqueológica*, 17. Diputación Provincial de Huelva.

Catálogos/Enciclopédias

La Fonteta, (1996-19989). El emporio fenicio de la desembocadura del rio Segura, Exposición Monográfica, 1999, Guardamar del Segura (Alicante).